

DOMINGO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

15 DE JUNHO DE 2025

JOÃO 8.48-59

1 TEMPO LITÚRGICO

O Domingo da Santíssima Trindade é um pouco diferente dos demais domingos do calendário da igreja. Ele não comemora um evento específico da história da salvação, como o Natal, Páscoa, Ascensão e Pentecostes, mas confessa quem é Deus: um só Deus em três pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo. Essa doutrina é central para a fé cristã e está presente em toda a Escritura.

A Festa da Santíssima Trindade foi oficialmente incluída no calendário da Igreja em 1334, e desde então é celebrada no Domingo após Pentecostes. Entretanto, em algumas regiões ocidentais, essa festa já era celebrada desde o início da idade média. Pode-se dizer que as controvérsias cristológicas e trinitárias dos séculos IV e V, bem como a ameaça do arianismo, contribuíram para a difusão da festa.

Os luteranos mantiveram essa festa após a Reforma, reconhecendo sua importância doutrinária, já que a doutrina da Trindade é central na teologia cristã confessional.

2 LEITURAS DO DIA

2.1 Salmo 8

No Domingo da Santíssima Trindade, o Salmo 8 nos convida a olhar para a imensidão da criação e a reconhecer a grandeza do Criador do céu, da terra e de tudo o que existe. O salmista começa e termina exaltando a grandeza do nome do Senhor em toda a terra. Até mesmo os mais frágeis, como as crianças de colo (v. 2), participam da exaltação de seu nome. Ao contemplar a vastidão do céu, a lua e as estrelas, ele se pergunta: “Que é o homem, para que dele te lembres? E o filho do homem, para que o

visites?” (v. 4). Apesar da pequenez e insignificância do ser humano diante da obra e majestade de Deus, o ser humano recebe um lugar especial e um papel único na criação: ser mordomo dela, responsável pelo cuidado e administração da obra de Deus. Mas, mesmo com toda a nossa posição e responsabilidade, não devemos esquecer, somos apenas pó diante do Criador. Essa humildade reforça a necessidade da graça e da misericórdia da Santíssima Trindade, revelada plenamente em Jesus Cristo, o Filho encarnado.

2.2 Provérbios 8.1-4,22-31

Esta passagem apresenta a Sabedoria como uma pessoa que clama publicamente, convidando todos a ouvirem sua voz (vv. 1-4). Nos versículos 22 a 31, essa Sabedoria revela sua existência antes da criação do mundo, sendo testemunha e participante ativa da obra criadora de Deus. Ela estava com Deus “como arquiteto” (v. 30), alegrando-se continuamente diante d’Ele e deleitando-se com a humanidade.

Para a Festa da Santíssima Trindade, Provérbios 8 é especialmente apropriado, pois a Sabedoria descrita nessa passagem não se refere meramente à sabedoria humana ou a um atributo impessoal de Deus. Ao contrário, muitos dos Pais da Igreja — e esta também é uma posição amplamente sustentada pela teologia luterana confessional — identificam essa Sabedoria como o próprio Filho eterno de Deus, “o *Logos*”, que estava com Deus e era Deus (Jo 1.1-3).

Assim, Provérbios 8 revela o próprio Cristo pré-encarnado, atuando juntamente com o Pai e o Espírito na criação. Essa passagem oferece uma valiosa janela para a doutrina da Trindade, mostrando que o Filho não foi criado, mas gerado eternamente, estando presente e ativo na criação, com alegria e amor.

2.3 Atos 2.14a,22-36

Pedro, no dia de Pentecostes, testemunha sobre Jesus: Sua vida, milagres, morte e ressurreição. Ele declara que Jesus foi exaltado à direita de Deus e recebeu do Pai o Espírito Santo, que agora é derramado sobre os crentes. Pedro afirma que Jesus é Senhor e Cristo.

Esse texto mostra a atuação coordenada das três pessoas da Trindade na salvação. O Pai envia o Filho ao mundo; o Filho, ungido e enviado pelo Pai, cumpre o plano da salvação por meio da sua vida, morte e ressurreição; o Espírito Santo é derramado para aplicar essa salvação aos corações dos fiéis. As três pessoas da Trindade cooperam inseparavelmente no grande plano da redenção.

2.4 João 8.48-59

Esse trecho está inserido num intenso debate entre Jesus e os líderes judeus em Jerusalém, no templo, durante a Festa dos Tabernáculos (Jo 7-8). O trecho de João 8.48-59 apresenta um dos momentos mais intensos do Evangelho, onde Jesus enfrenta acusações severas e faz declarações profundas sobre sua identidade. Os líderes judeus acusam Jesus de ser samaritano e de estar possesso por demônio (v. 48). Jesus nega a acusação e declara que honra o Pai, e que quem guardar a sua palavra nunca verá a morte (v. 51). Isso provoca escândalo entre os judeus, que apontam para a morte de Abraão e dos profetas, acusando Jesus de se colocar acima deles (v. 52-53). Jesus responde que o próprio Abraão se alegrou ao ver o seu dia e que ele existia antes de Abraão — e então proclama: “Em verdade, em verdade lhes digo que, antes que Abraão existisse, Eu Sou” (v. 58). Os judeus, entendendo essa afirmação como blasfêmia, pegam pedras para matá-lo, mas Jesus escapa.

3 APROFUNDAMENTO BÍBLICO

v. 48: Nos quatro evangelhos, encontra-se somente aqui a acusação de que Jesus era um samaritano. Mas dizer que Jesus estava possuído por demônios aparece várias vezes, principalmente no Evangelho de João (Jo 7.20, 8.52, 10.20). A dúvida que fica é porque acusaram Jesus de ser samaritano? Talvez no contexto significasse o mesmo que herege.

v. 49: Aqui em sua resposta aos judeus, Jesus não negou ser samaritano, mas ele nega que esteja endemoniado. Por que Jesus não nega ser samaritano? Não dá para saber de fato.

Jesus diz que honra o Pai. No Evangelho de João, Jesus é aquele que sempre vem fazer a obra do Pai. Ao fazer a obra do Pai ele está honrando o Pai.

v. 50: Jesus contrapõe sua atitude à dos líderes judeus que buscavam glória e reconhecimento humano. Ele enfatiza que sua missão não é procurar glória para si mesmo, mas cumprir a vontade do Pai, que é quem o glorifica e julga.

v. 51: Esse versículo inicia-se com Jesus dizendo: ἀμὴν ἀμὴν - fala categórica, maneira solene de dizer algo muito importante. E de fato, o que vem a seguir é de extrema importância, Jesus diz que se alguém guardar a sua palavra, não verá a morte para sempre. O verbo para “guardar” (τηρέω), é um verbo bastante frequente no evangelho de João, ocorrendo 18 vezes. Guardar a palavra de Jesus é levar a sério aquilo que ele diz, a palavra que ele revela, o que ele diz a respeito de si mesmo, do Pai e do Espírito Santo. A “morte” que nunca será vista aos que guardam sua palavra não é a morte física, mas a morte eterna.

v. 52: A reação dos judeus mostra a cegueira espiritual deles. Ao dizerem que Jesus tem demônio, mostram desprezo por sua palavra e sua pessoa. Eles interpretaram literalmente a afirmação de Jesus, sem perceber que ele falava da morte eterna.

v. 53: A discussão aqui é sobre quem é o maior. Os líderes judeus dizem: “Abraão morreu, os profetas também morreram. Eles foram grandes. E você? Está dizendo que é maior do que eles?” Os judeus não podem suportar que Jesus se coloque acima de Abraão. Porque se ele é maior que Abraão, então ele não é um simples mestre ou profeta, mas o próprio Deus. O versículo prepara o terreno para a grande revelação de João 8.58.

v. 54: Jesus não precisa glorificar a si mesmo — ele não é como os líderes judeus. A glorificação do Pai é suficiente. E ironicamente, é exatamente o Deus que os judeus dizem adorar quem está glorificando Jesus. A acusação implícita é clara: eles não conhecem o Deus a quem afirmam servir.

v. 55: Jesus não está dizendo que lá no passado eles não conheceram Deus, ele está dizendo que agora eles não conhecem, pois rejeitam a ele como verdadeiro Filho de Deus e Salvador. O verdadeiro conhecimento de Deus vem pela fé em Cristo, que revela o Pai.

v. 56: Como Abraão viu o dia de Jesus? Do que Jesus está falando aqui? Que dia? Quando é que ele viu? O texto normalmente lembrado por comentaristas é Gênesis 22.

Há uma relação escatológica com o que acontece aqui com Abraão. Quando Abraão ofereceu Isaque, viu uma prefiguração do sacrifício de Cristo.

v. 57: Em sua pergunta, os judeus alteram o que Jesus havia dito anteriormente, Jesus não disse que viu Abraão, ele disse que Abraão viu a obra dele.

v. 58: Mais uma vez, a fórmula ἄμην ἄμην aparece, assim como no versículo 51, para reforçar um juramento solene. Importante destacar a diferença dos verbos usados aqui – γενέσθαι – (existisse), ἐγὼ εἰμί – (Eu Sou). O primeiro verbo, γενέσθαι é uma forma do verbo γίνομαι, que significa “tornar-se, vir a ser”, ou seja, Abraão passa a existir, teve um começo no tempo e espaço. Já ἐγὼ εἰμί, é o presente do verbo “ser” com o pronome pessoal “eu”, uma forma que revela a existência eterna e divina de Jesus.

Esse versículo é uma das declarações mais claras de Jesus sobre sua divindade. O uso do termo “Eu Sou” ecoa o nome com o qual Deus se revelou a Moisés na sarça ardente em Êxodo 3.14. Cristo está aqui dizendo algo que só Deus pode dizer.

v. 59: A resposta violenta dos judeus é prova de que eles entenderam o peso da afirmação de Jesus — para eles, era blasfêmia, pois Jesus estava afirmando ser Deus. Curiosamente, muitas vezes os próprios adversários de Jesus entenderam melhor quem ele era e o que dizia do que os seus próprios discípulos, pelo menos até a ressurreição. Eles sabiam exatamente o que Jesus estava dizendo ao afirmar “Eu Sou”, tanto que quiseram apedrejá-lo. E então, algo surpreendente acontece: Jesus se ocultou e saiu do Templo.

4 REFLEXÃO HOMILÉTICA

Acredito que para esse domingo, em vez de desgastar-se tentando explicar a Trindade com analogias ou sistematicamente, o sermão deve se concentrar na pessoa de Cristo. Quem ele é? A resposta a essa pergunta não apenas nos ajuda a entender o mistério da Trindade, mas é, na verdade, a pergunta mais essencial que alguém pode fazer na vida.

Jesus é Deus? Essa pergunta vai ao coração da fé cristã. E neste Domingo da Santíssima Trindade, nós respondemos com toda a Igreja: Sim! Jesus é Deus! A própria

Palavra de Deus nos guia a essa resposta. As leituras do dia nos ajudam a refletir sobre ela.

4.1 Jesus é Deus?

- a) Sim. Porque ele é o Senhor majestoso que reina sobre a criação (Sl 8).
- b) Ele é a Sabedoria que estava com o Pai desde o princípio (Pv 8).
- c) Ele é o Senhor e Cristo, exaltado à direita do Pai, que derrama o Espírito Santo (At 2).
- d) Ele é o “Eu Sou” eterno (Jo 8.58), que nos salva da morte eterna (Jo 8.51).

Rev. Raí Kramer Soares

Alto Criciúma, Laranja da Terra/ES